

Semântica de frames e análise crítica do discurso: da aplicação à interface

Vitor Cordeiro Costa
Universidade Federal de São João del-Rei
vitorccost@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo propõe uma interface entre Semântica de Frames e Análise Crítica do Discurso. Primeiro, apresentam-se os pontos de contato entre as duas áreas. Segundo, apresenta-se um exemplo de como, por meio da análise de dados linguísticos, a Semântica de Frames poderia informar a pesquisa social e vice-versa.

PALAVRAS-CHAVE: Análise crítica do discurso; Discurso; Linguística cognitiva; Programa de pesquisa científica; Semântica de frames

ABSTRACT: This article aims at building an interface between Frame Semantics and Critical Discourse Analysis. Firstly, we present the middle ground between these two areas. Secondly, we present an example of how Frame Semantics could inform social research, and vice-versa, through the analysis of linguistic data.

KEY WORDS: Critical discourse analysis; Discourse; Cognitive linguistics; Scientific research programme; Frames Semantics

1 Objetivo

Um dos mais recentes desafios na agenda da Análise Crítica do Discurso (ACD) tem sido sua articulação com a Linguística Cognitiva (LC). O encontro dessas áreas começou devido à base textual da ACD, que demanda recurso a teorias linguísticas capazes de descrever os processos semióticos envolvidos no movimento social sob investigação. Esse tipo de necessidade levou analistas do discurso a recorrerem à LC para análise de metáforas, sobretudo no discurso político (CHILTON, 1996; FAIRCLOUGH, 1992). A principal opção da ACD foi pela Teoria da Metáfora Conceptual proposta por Lakoff e Johnson (1980) e suas revisões. Esta teoria é atraente porque nela a metáfora deixa de ser uma figura retórica e passa a ser um modo produtivo de entender como os falantes conceptualizam o mundo.

O estreitamento da relação ACD-LC e os desenvolvimentos de cada área propiciaram a formulação de novos nichos de análise. Percebeu-se que a LC tem ainda mais a oferecer que teorizações sobre metáfora (HART, 2011; HART, LUKEŠ, 2007). Com efeito, a Semântica de Frames (SF) proposta por Fillmore (1982) é uma teoria, dentro da Linguística Cognitiva, cuja articulação com a ACD parece ser promissora. Nesse sentido, uma associação da Semântica de Frames com a Análise Crítica não está livre de problemas fundamentais. Retorna ao

foro a questão da incomensurabilidade entre teorias científicas, levantada por Feyerabend (1962) e Kuhn (1962): é possível as duas teorias terem ou não uma medida comum, serem ou não intertraduzíveis? Essa indagação tem sido pouco discutida nas duas áreas em questão.

O objetivo deste artigo¹ é propor uma discussão da sustentabilidade de uma interface entre SF e ACD e a possibilidade de superar a “aplicação” unidirecional e parasitária de uma teoria na outra. Para isso, dividimos a exposição em duas partes. Na primeira, descrevemos pontos em que ACD e SF são comparáveis, recorrendo ao instrumental metateórico da filosofia da ciência de Lakatos, pois as duas áreas fazem referência a ele. Na segunda, tentamos tornar operativa a interface proposta, com a formulação de hipóteses e perguntas. Assim, as leitoras e leitores encontram aqui uma espécie de artigo-ensaio. O texto não pretende fazer as contribuições e análises exaustivas em si, mas esboça – se quiserem uma analogia – zonas de desenvolvimento proximal para pesquisas futuras d(n)aquela interface.

2 Comunidades

2.1 Programas

Um traço comum entre a SF e a ACD é serem denominadas *programas de pesquisa* respectivamente por Fillmore (1982, p. 111) e Wodak e Meyer (2009, p. 4), o que nos remete ao falseacionismo metodológico sofisticado de Lakatos (1978). Entende-se que a comunidade científica se reúne em torno de programas de pesquisa científica, isto é, séries de teorias com um núcleo, teorias auxiliares e uma heurística. Nessa interpretação, a mudança do conhecimento é equivalente à força resultante da proliferação e da tenacidade dos programas.

O núcleo de um programa compreende seu conjunto de postulados não testáveis, em outras palavras, seu conjunto de crenças, e orienta a abordagem e a definição do “objeto” de estudos (BORGES NETO, 2004). Os programas estão sujeitos a problemas para explicar os fenômenos e objetos a que se dedica, geralmente em face de dados que não se enquadram nas teses nucleares. Para solucionar isso, os cientistas desenvolvem teorias auxiliares, que podem originar diferentes modelos dentro do programa. A construção desses cinturões de teorias auxiliares obedece a um “poderoso maquinário de resolver problemas” (LAKATOS, 1978, p. 5). A heurística seria, portanto, um conjunto de regras metodológicas que orienta o trabalho dos pesquisadores na geração de perguntas/problemas e explicações. É, no dizer de Borges Neto (2004, p. 95), “a política de desenvolvimento do programa”.

¹ Este artigo foi elaborado como parte dos trabalhos da Escola de Altos Estudos em Semântica de Frames e suas Aplicações Tecnológicas, ministrada, entre 18 de junho e 06 de julho de 2012, pelos professores Miriam Petruck e Michael Ellsworth e realizada pelo programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Os programas de pesquisa são tenazes na medida em que os pesquisadores não os abandonam diante das observações contraditórias. Ao contrário: os pesquisadores realizam a crítica no interior do programa e reformulam as teorias/hipóteses para manter o núcleo. A tenacidade representa certa força continuadora que nos permite não ter de começar uma pesquisa *ab ovo*. Por outro lado, na filosofia de Lakatos, o desenvolvimento da ciência também se faz pelo exercício de crítica e de competição entre explicações alternativas: diz-se que os programas estão em proliferação. Essa competição é sincrônica, com momentos excepcionais de hegemonia de um ou outro programa, e não em sucessão revolucionária como defendia Kuhn (FRANÇOZO, ALBANO, 2004). A partir do momento em que um programa se mostra incapaz de gerar fatos, descobertas e perguntas novas, diz-se que ele tende à degeneração. Se o programa se mostra capaz de fazê-lo, diz-se que tende à progressão.

FrançoZO e Albano (2004) explicam que:

é possível enxertar num programa teorias de programas rivais, se isso responde a questões já levantadas. Problemas de compatibilidade são resolvidos quando as próprias teorias geram os fatos que permitem compará-las [...]; os problemas científicos não nascem e morrem com as teorias que os apontaram, mas podem ser transferidos de uma teoria a outra [...]. Basta que façam sentido no interior da teoria que se apropria do problema (p. 304).

No caso em discussão, não se trata de programas rivais, mas coexistentes. O enxerto que a ACD tem feito de teorias da LC simplesmente responde à necessidade de descrição textual originária da influência funcionalista hallidiana. Essa aplicação contribui apenas para a execução rotineira da ACD, sem fomentar, diretamente, problematização, progressão ou mesmo degeneração de nenhum programa, e sem atentar para o núcleo do programa “doador”. Trata-se de uma relação, no mínimo, comensalista e, no máximo, parasitária, de que, por força de seus interesses, o lado linguístico-cognitivista dá pouca notícia².

Diante disso, o quadro pelo qual ACD e SF se definem não é, por si, suficiente para entender os problemas epistemológicos atuais. Primeiro porque o modelo lakatosiano tem uma fundamentação racionalista que já foi revista por ambas as áreas, embora seja um modo eficiente de organizar e explicitar o trabalho acadêmico. Segundo porque, como Beaugrande (2006) nos lembrou, as últimas décadas do século XX trouxeram a emergência e o reconhecimento de campos que desde o princípio foram “interdisciplinares” (teoria dos sistemas, ciências cognitivas, processamento do discurso, etc.), o que propiciou:

² Esse estado de coisas passou a incomodar, mesmo de modo esparso, pesquisadores como Stockwell (2000) e Hart e Lukeš (2007). A corrente sociocognitivista, como evidenciam Koch (2005) e Miranda e Salomão (2009), mostra um esforço de superação de incômodos semelhantes, mas de outra ordem e origem.

Um refrescante contraste ao autoisolamento das disciplinas, como a psicologia e a sociologia, cada uma fingindo que a outra não era digna de atenção [...], mas também às ambições de uma “ciência unificada” para forçar tudo no arcabouço da física e da lógica formal – uma fusão esotérica de realidade básica e ‘mundos’ hipotéticos... (p. 29, trad. nossa).

O cenário que o autor reporta sugere que cada vez menos cientistas dão-se por satisfeitos em fazer a crítica internamente a um programa. Espera-se hoje que esse programa seja condizente com outros programas, aparentemente alheios, mas com os quais forma uma rede de quase-objetos³: se se cria um combustível, ele deve ser ecologicamente amigável; se se cria um software de proteção contra ameaças virtuais, é eticamente desejável que respeite a privacidade dos usuários. Analogamente, se se fala de linguagem e cognição, tornou-se retrógrado negligenciar a dimensão discursiva e enunciativa.

Portanto, as relações que antes se mantinham apenas entre as teorias na filosofia de Lakatos, agora, se mantêm entre programas inteiros, inclusive a despeito de perguntas internas ao programa. Logo, (in)comensurabilidade de conteúdo teórico parece não ser condição de possibilidade para se fazer interface, desde que o conteúdo “faça sentido” para quem dele se apropria. Isso não nos dispensa de almejar interfaces que sejam coerentes com ambos os programas ou que fomentem a criação e reelaboração de hipóteses auxiliares neles. Cremos que a LC e a ACD já geraram informações suficientes para nos permitir isso.

2.2 *Sócios*

A SF proposta por Fillmore (1982)⁴ é um programa de semântica empírica em que a compreensão teórica do sentido é principalmente enciclopédica. Propugnar essa visão implica afirmar que o sentido das unidades linguísticas é dependente de um repertório de conhecimentos estruturados na memória de longo prazo, um sistema conceptual, embasado na interação humana intraespecífica e com o mundo, sistema esse para o qual as palavras são pontos de acesso (EVANS, GREEN, 2006, p. 206-207). É um denominador comum às concepções de frame a noção de que esquemas de conhecimento governam e estruturam o uso da linguagem.

A SF se fia na tese de que linguagem e experiência estão em um *continuum*. O léxico categoriza essa experiência e sua significação pode ser mais bem descrita em relação a frames. Ou seja, as várias significações de uma palavra (na acepção corriqueira) correspon-

³ Segundo Moraes (2004, p. 327): “No plano das redes há operações de tradução que engendram ao mesmo tempo natureza e sociedade, sujeito e objeto. As práticas de mediação, de hibridação dispõem todo o espaço, de tal modo que já não falamos mais em dois tipos de representação, mas apenas em híbridos ou quase-objetos. [Bruno] Latour nos convida a lançar luz sobre esses quase-objetos, efeitos das redes de atores.”

⁴ Embora haja textos anteriores e posteriores em que a SF toma corpo, fazemos especial referência ao texto de 1982 porque nele Fillmore delineia várias frentes de estudo de frames, algumas das quais o autor não desenvolveu posteriormente, muito em função, supomos, do foco no trabalho lexicográfico.

dem aos diferentes frames a que ela se associa (FILLMORE *et al.*, 2003). Assim, os frames são esquemas conceptuais ou sistemas gestálticos de conceitos, em que, para compreender quaisquer de seus elementos, devemos nos referir ao todo em que estão estruturados. Diz-se, portanto, que o léxico *evoca*, ou permite acesso a, frames. Quando um elemento de frame aparece num texto, os demais são ativados na memória do leitor, mesmo quando não estão linguisticamente expressos. Logo, elementos expressos e inexpressos podem ser detectados pela valência lexical e construcional do termo que evoca o frame (SALOMÃO, 2009).

O *continuum* linguagem-experiência engloba uma dimensão sociocultural. Na SF, compreender uma palavra em referência a um *background* de entendimentos significa que o frame é mais uma fatia prototípica de uma cultura do que uma afirmação de como o mundo é (FILLMORE, 1982; PETRUCK, 1996). Um lexema evoca modelos culturais imbricados em outros (SALOMÃO, 2009). Assim, um dos objetivos da SF, que por vezes não se enfatiza, é tentar entender que razões uma comunidade de fala teve para criar uma categoria representada por certa palavra. Justifica-se isso pelo fato de haver um contexto cultural motivador para o aparecimento dos frames e de sua expressão lexical:

O contexto motivador é algum corpo de entendimentos, algum padrão de práticas, ou alguma história de instituições sociais, em relação às quais achamos ser inteligível a criação de uma categoria particular na história da comunidade linguística (FILLMORE, 1982, p. 119, trad. nossa).

O papel categorizador da linguagem e sua relação com *padrão de práticas, história e instituições sociais* evocam o aspecto sociocultural da linguagem como terreno comum dos interesses da ACD e da SF. Nesse sentido, a ACD desenvolve pesquisas engajadas voltadas à investigação de qualquer problemática social. A ACD reconhece que os fenômenos sociais são complexos, envolvem diversas semioses e, por isso, requerem uma abordagem “multidisciplinar e multimetodológica”. A análise sistemática de dados semióticos visa a mostrar causas e conexões não aparentes (FAIRCLOUGH, 1992), a elucidar e desmitificar relações ideológicas e/ou de poder (WODAK, MEYER, 2009), a exercer mudança social positiva (ANGERMÜLLER, 2007). Aqui, o analista é levado a explicitar seus próprios posicionamentos sobre o tema analisado haja vista sua pesquisa também ser ideológica ou socialmente viesada.

A proliferação de conceitos de *discurso* atesta a heterogeneidade da ACD. Importa perceber que a maioria das formulações, senão todas, desembocam em considerar a linguagem como prática social. Isso implica afirmar que um evento particular de uso da linguagem (um discurso, sentido 1) está em relação dialética com a estrutura social: não são reflexos ou representações transparentes de uma realidade: moldam o *status quo* social e são moldados

por ele. O discurso₁ se faz pela apropriação seletiva de sistemas de significação; se configura como formas relativamente estáveis de uso da linguagem que organizam e estruturam a vida social, com suas instituições e organizações (WODAK; MEYER, 2009).

Outro sentido de discurso (sentido 2) é aquele de formas de conhecimento abstratas que operam procedimentos de exclusão, controle e delimitação do dizer, que engendram relações de poder. A análise, nessa noção socioteórica de discurso₂, busca as condições que propiciam o aparecimento de várias classes de conhecimento empírico e a ordem que justifica essas formas (FOUCAULT, 2006). Embora a ACD tenha adotado postura emancipatória diante de estudos sobre dominação e desigualdade, as relações de poder, em discurso₂, não podem ser tomadas em sentido apenas repressor, pois funcionam como uma rede que perpassa o corpo social e gera, produtivamente, objetos, prazeres e saberes (FOUCAULT, 1993)⁵.

Existe dentro da ACD relativo gradiente de interpretações com relação ao foco na agência e na estrutura, isto é, nas duas acepções principais de discurso, com posturas mais indutivas ou mais dedutivas. Mesmo em face das diferenças de posição, são patentes na ACD a consideração pelos fatores históricos e enunciativos e a centralidade da noção de contexto. Segundo Van Dijk (1999, p. 26, trad. nossa), os contextos “são construtos mentais (modelos), porque representam o que os usuários da linguagem constroem como relevante na situação social”. Para Fairclough (1992), processos de produção e interpretação são sociocognitivos, haja vista que demandam usos de estruturas e convenções interiorizadas. Neste ponto, a *expertise* desenvolvida pela SF pode sofisticar a compreensão e a análise de temas sociais.

3 Hipóteses

Como exemplifica Sousa Santos (1997), uma possibilidade de gerar saber é adotar recortes temáticos (“galerias por onde os conhecimentos progridem ao encontro uns dos outros”) de grupos sociais concretos, como a reconstrução de uma história ou a formulação de um computador adequado a necessidades locais. Isso muito diz respeito à pesquisa de interface, que também gera conhecimento ao mesmo tempo *total e local*:

porque reconstitui os projectos cognitivos locais, salientando-lhes a sua exemplaridade, e por essa via transforma-os em pensamento total ilustrado. [...] incentiva os conceitos e as teorias desenvolvidos localmente a emigrarem para outros lugares cognitivos, de modo a poderem ser utilizados fora do seu contexto de origem. (SANTOS, 1997, p. 48).

⁵ Segundo Wodak e Meyer (2009), abordagens foucaultianas da ACD tendem a distinguir discurso₂ (forma de saber abstrata) de texto (realização semiótica concreta; mais próxima de discurso₁).

Como tentativa de criar hipóteses para tornar operativa a interface SF-ACD, mas também como razão para criá-la, propomos um exercício mental de uma pesquisa dedicada ao tema da *mudança* em discursos políticos. Com base na minha experiência nos grupos sociais com os quais convivo, posso dizer que os políticos – detentores de cargos eletivos na administração pública – comumente se referem a mudanças, as quais se vinculam frequentemente a promessa ou ao (não) cumprimento de uma. Interessante notar que o discurso político projeta situações futuras ou se refere a intervenções na vida social, o que demanda fortes recursos cognitivos imaginativos. A *imaginação* é importante para o estudo do discurso político porque ela se faz a partir de conhecimentos prévios dos falantes, tese esta que a LC corrobora.

Para o estudo do tema da mudança, utilizaremos um *corpus*⁶ constituído dos discursos de posse dos presidentes brasileiros diretamente eleitos no período da Nova República (1985-hoje), discursos esses cujas transcrições estão disponíveis nos sites da Presidência da República (2012) e da sua Biblioteca (2012). Queremos entender qual o lugar do sujeito político nas “mudanças” que mencionam e se esse lugar se transforma. Naquele intervalo, elegeram-se cinco presidentes, dois dos quais reeleitos: Fernando Collor (1); Itamar Franco (2); Fernando Henrique Cardoso (3 e 4); Luiz Inácio Lula da Silva (5 e 6) e Dilma Rousseff (7); cujos discursos foram numerados cronologicamente e separados em arquivos *text file* (.txt).

Para a pesquisa dos dados semióticos, nosso exercício tem base na raiz {mud-}, especificamente nos lexemas <mudar> e <mudança> e suas respectivas inflexões, a partir da hipótese de que, havendo um ou mais frames relativos a mudança, esses itens serão unidades lexicais prototípicas. Submetemos, então, o *corpus* ao programa AntConc 3.2.4w (ANTHONY, 2011), que é um concordanciador livre, de instalação gratuita e fácil utilização, para realizar a busca pelas ocorrências que se enquadrassem em nossos parâmetros.

O programa registrou 24.067 *tokens* (ocorrências de palavras), das quais acusou a ocorrência de 42 linhas de concordância que atenderam aos nossos requisitos, como disposto na Figura 1 a seguir. Com o uso da ferramenta *Concordance plot* do AntConc, obtivemos a distribuição das 42 ocorrências dentro da sequência linear de cada discurso, como disposto na Figura 2 a seguir. Notamos que palavras de raiz {mud-} não ocorreram no discurso de Itamar Franco (2.txt), o que não significa que não haja frames sobre processos de mudança nesse discurso, pois outros verbos não pesquisados podem evocá-lo. De outro lado, temos uma disparidade de ocorrências-alvo entre o texto 5 (primeiro discurso de posse de Lula), com 14 *tokens*, e a média geral de 6 *tokens*.

⁶ Estamos investigando esse *corpus* na pesquisa que deverá ser apresentada como dissertação, em 2013, ao Programa de Mestrado em Letras (PROMEL) da Universidade Federal de São João del-Rei.

Recorrendo a outras unidades lexicais, poderíamos elucidar se o uso dos lexemas investigados, nesses lugares históricos e enunciativos, tende a criar um *frame of mind* de intervenção na sociedade que favoreça o grupo político no poder. Isso também responderia ao projeto temático de entender qual papel os agentes políticos entendem desempenhar nas suas afirmações de mudança e, por decorrência, qual discurso_{1,2} refletem ou refratam. A SF oferece aqui o tipo de descrição semiótica desejada pela ACD, pois, conforme Salomão (2009):

[e]mbora a semântica de frames surja como abordagem dedicada aos problemas da semântica lexical, é inegável sua importância também para as semânticas do discurso – basta levarmos em conta o elevado grau de sistematicidade que a postulação dos frames oferece aos processos conceptuais de inferenciação. Nesses termos, a semântica de frames converge complementarmente para as propostas da teoria do Léxico Gerativo (Pustejovsky, 1995) no seu intento de explicação da significação textual a partir das significações desencadeadas pelas unidades linguísticas que compõem o texto. (p. 173).

Portanto, a SF permite ao pesquisador fazer inferências que os analistas do discurso, por vezes, fazem intuitivamente com relação ao “não dizer”. Os frames implicam, pelas cenas que evocam e pela valência sintático-semântica das unidades lexicais, um conjunto de expectativas. A instanciação ou não de elementos de frame prototipicamente esperados revela ao pesquisador os elementos da cena social que foram endossados ou apagados no discurso₁, conscientemente ou não. A (não) instanciação configura não apenas uma possibilidade de realização linguística, mas também indica a conceptualização discursiva de uma realidade social: qual lugar e qual papel ocupa cada sujeito, quais as relações entre eles, qual a perspectiva, etc.

No *corpus* usado neste exercício, encontramos ocorrências com a raiz {mud-} que parecem evocar frames catalogados⁷ como CAUSAR_MUDANÇA e SOFRER_MUDANÇA. As tabelas 1 e 2, a seguir, apresentam uma tentativa de registro lexicográfico dos respectivos frames, seus elementos e sumários de realização sintática no *corpus*. Nessa primeira leitura, obtivemos 14 ocorrências para o frame SOFRER_MUDANÇA; 15, para o frame CAUSAR_MUDANÇA; e 13 ocorrências dúbias. A nosso ver, a dificuldade de classificar esse terceiro grupo se deve, por um lado, ao fato de as palavras estarem sob a projeção máxima de outro frame. Por outro lado, os frames ativados pelos lexemas <mudar> e <mudança> têm, nos discursos de posse, forte uso/valor esquemático. Isso teria acarretado um número relativamente elevado de instanciações nulas definidas e indefinidas que tornam problemática a classificação.

⁷ Trata-se de uma catalogação provisória, feita com base no *corpus* estudado e inspiração na FrameNet americana, e destinada apenas a indicar as possibilidades da associação SF-ACD. Para isso, utilizamos dos padrões de anotação estabelecidos pelo projeto FrameNet (RUPPENHOFER *et al.*, 2010) e seguidos pelo projeto FrameNet Brasil (SALOMÃO, 2009). Por razão de escopo, não é possível descrever aqui todas as demandas de anotação lexicográfica ou de texto corrido, caso em que as leitoras e leitores são convidados a se referir àqueles autores para uma descrição detalhada das convenções.

CAUSAR_MUDANÇA

Definição

Um **Agente** ou **Causa** altera uma **Entidade** ou algum **Atributo** desta. Em alguns casos, o **Agente** altera a si próprio.

Elementos nucleares

| | |
|----------------------|---|
| Agente | O ser cognoscente que altera a Entidade ou algum Atributo desta. |
| Exclui: Causa | “De um presidente que mudou a forma de governar...” (texto 7 – Dilma) |
| Causa | A coisa ou situação que altera a Entidade ou algum Atributo desta. |
| Entidade | A Entidade concreta ou abstrata que sofre alteração. “Eu os convoco para mudar o Brasil ” (texto 3 – FHC 1). |
| Atributo | A característica, parte ou modo de ser da Entidade . “Eles podem, com a ajuda do governo e de toda a sociedade, mudar de vida ...” (texto 7 – Dilma) |

Elementos não nucleares

| | |
|--------------------|---|
| Modo | Descrição do processo de mudança. “ Mudar com coragem e com cuidado. Com humildade e ousadia ” (texto 5 – Lula) |
| Propósito | Consequência ou resultado visado pelo Agente ao realizar mudança “ Mudança por meio do diálogo e da negociação, sem atropelos ou precipitações, para que o resultado seja consistente e duradouro ” (texto 5 – Lula) |
| Instrumento | Ação do Agente que leva à mudança da Entidade “ Mudança por meio do diálogo e da negociação ,...” (texto 5 – Lula) |

Sumário de realizações sintáticas

| Elemento de frame | Número anotado | Realizações |
|--------------------|----------------|---|
| Agente | 15 | SN/Ext = (4) SN/Obj = (1) IND = (9) SOracional/Dep = (1) |
| Causa | 0 | - |
| Entidade | 15 | SN/Obj = (4) INI = (4) IND = (6) SP/Dep = (1) |
| Atributo | 1 | SP/Dep = (1) |
| Gradação | 0 | - |
| Modo | 4 | SP/Dep = (3) SV/Dep = (1) |
| Propósito | 1 | SP/Dep = (1) |
| Instrumento | 1 | SP/Dep = (1) |

Tabela 1. Descrição inicial para um frame de CAUSAR_MUDANÇA

SOFRER_MUDANÇA

Definição

Uma **Entidade** sofre alteração no seu todo ou no valor de algum **Atributo**.

Elementos nucleares

Entidade

A **Entidade** concreta ou abstrata que sofre alteração.
“E **o Brasil** **mudou**” (texto 6 – Lula 2).

Atributo

A característica, parte ou modo de ser da **Entidade**.
“Tanto a ética quanto o interesse nacional reclamam uma completa **mudança de mentalidade** nesse terreno” (texto 1 – Collor).

Elementos não nucleares

Gradação

O nível/extensão da alteração sofrida pela **Entidade** ou pelo seu **Atributo**.
“[O Brasil] **Mudou muito**” (texto 4 – FHC 2)

Modo

Descrição do processo de alteração sofrida pela **Entidade** ou pelo seu **Atributo**.
“Meu desejo é que as **mudanças** ocorram **em paz e na forma a que aspiram os povos europeus**” (texto 1 – Collor).

Tempo

Momento quando a alteração da **Entidade** ou do seu **Atributo** ocorre.

Sumário de realizações sintáticas

| Elemento de frame | Número anotado | Realizações |
|-------------------|----------------|--|
| Entidade | 14 | SN/Ext = (1) IND = (6) INI = (1) SP/Dep = (6) |
| Atributo | 14 | SP/Dep = (2) INI = (11) SN/Ext = (1) |
| Gradação | 2 | SAdj/Dep = (2) |
| Modo | 2 | SP/Dep = (2) |
| Tempo | 1 | SAdv/Dep = (1) |

Tabela 2. Descrição inicial para um frame de SOFRER_MUDANÇA

Os excertos abaixo exemplificam os tipos de ocorrências que consideramos dúbias:

- “... senhoras e senhores presentes a este ato de posse. **“Mudança”**: esta é a palavra-chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro.” (texto 5 – Lula 1);
- “Quatro anos atrás eu disse que o verbo **mudar** iria reger o nosso Governo.” (texto 6 – Lula 2);
- “Finalmente, quem tentou desqualificar a opção popular não foi capaz de valorar algo fundamental: a vontade de **mudança** - que esteve reprimida por décadas, séculos - expressou-se pacífica e democraticamente;...” (texto 6 – Lula 2);
- “Ele sempre será, ao seu tempo, **mudança** e continuidade.” (texto 7 – Dilma);

Considerando o tipo semântico e a estrutura de *qualia* dos termos que expressem um País, uma sociedade ou um Estado, as mudanças sociais de que os políticos tratam requerem um agente, uma causa ou ação. Assim, o aparecimento dos lexemas <mudar> e <mudança> (que têm incorporados neles a noção de passagem de um estado/condição de uma entidade a outro estado/condição) por vezes gera enunciados em que o papel do político ou da sociedade no processo de transformação não é explícito. A hipótese atual é de que, em SOFRER_MUDANÇA, as instanciações nulas indefinidas para **Atributo** não clarificam o que mudou nas **Entidades**. Em CAUSAR_MUDANÇA, as instanciações nulas definidas para **Agente**, embora dedutíveis no contexto, dilui o lugar do agente político em um “nós” coletivo na maioria dos casos.

A variação entre usos “causativos”, “incoativos” e esquemáticos, torna-se um modo de colocar a situação social em um *frame*. Essas observações nos levam a questionar até que ponto uma integração ACD-SF poderia manter a separação feita entre os frames semânticos de Fillmore (compreensões codificadas em unidades lexicais) e os frames cognitivos de Lakoff (esquematisações experienciais derivadas da corporalidade ou da vivência cultural e disponíveis para metaforização) (ANDOR, 2010, p. 157-158). Será necessário estudar essa pergunta devido aos frames linguísticos parecerem estar a serviço dos frames cognitivos, de modo semelhante ao sentido 1 de discurso, que apresentamos anteriormente.

Se a mudança do país poderia ser entendida a partir de diferentes frames, no sentido lakoffiano, que se serve de diferentes frames, no sentido fillmoriano, torna-se necessário discutir, em nível mais abstrato, as condições de possibilidade que incidem sobre essas reflexões e refrações da realidade pela linguagem. Em suma, perguntamo-nos pelo discurso₂, caso em que a ACD e análise de discurso francesa, de modo geral, podem ser úteis à SF. Precisaremos, em estudos de interface, criar explicações *cognitivas* capazes de abordar *essa* dimensão discursiva. Para exemplificar, podemos recorrer ao famoso frame de TRANSAÇÃO COMERCIAL. Esse frame existente nas sociedades com modo de produção capitalista que engendra uma rede de discursos sobre o modo vida que levam as pessoas a comprar roupas novas a cada lançamento, por exemplo. Em sociedades indígenas não aculturadas, pode ser que aquele frame sequer exista, o que recobre limites de (não) dizer.

4 Perspectivas

De antemão, pode-se objetar que as separações e as abordagens aproximativas entre a análise crítica do discurso e a linguística cognitiva estão, respectivamente, muito marcadas e limitadas a alocar uma cama de Procrusto para cada uma destas vertentes no terreno da outra. A alternativa proposta para os problemas decorrentes da confluência entre diversos ramos de

saber é adotar o *cross-over* serresiano não apenas como metáfora da epistemologia corrente, mas como estratégia que possibilita ângulos menos dominantes sobre os eventos sociolinguísticos (LATOURE, 1988; PAGANO, MAGALHÃES, 2005). Essa estratégia também permite inverter a posição do pesquisador em relação ao seu objeto de pesquisa, permitindo uma leitura cruzada entre os eventos sociais e a teoria, visto que o conhecimento científico “não está adicionado ao mundo, está dentro dele; é parte de sua beleza, mistério e monstros” (LATOURE, 1988, p. 89, trad. nossa), o que desautoriza a existência de uma ciência imparcial, anideológica ou desligada de seus ‘objetos’. Daí propomos uma interface de quase-objetos, em que ACD e SF possam se informar mutuamente e evitar o parasitismo (SERRES, 1980).

Se não nos sentimos confortáveis sem uma metodologia que coordene a interface entre ACD e LC, a filosofia da ciência de Lakatos (1978) ainda provê um ponto de partida interessante. Trabalhos futuros, inclusive os nossos, deverão investigar as possibilidades de conexão entre ACD e LC dentro da rede de quase-objetos. As (im)possibilidades de conexão podem ser elucidativas seja da complementaridade, seja da incompatibilidade parcial entre os programas. A interface proposta será tanto mais *progressiva* se, a cada pesquisa dessas conexões, surgirem fatos ou perguntas novas e modificações de hipóteses já consolidadas. Se a interface que, neste artigo, tentamos mostrar ser possível não for operativa, ou não passar de um mero desejo de criatividade científica, a interface irá se *degenerar*, caso em que teremos aprendido pelo erro. Como Wodak e Meyer (2009) afirmam, aproximações ACD-LC exigem considerações epistemológicas complexas, e, por ser incipiente, nosso trabalho dá evidências de inúmeras omissões a investigar.

Referências

- ANDOR, J. Discussing frame semantics: the state of the art: an interview with Charles J. Fillmore. *Review of Cognitive Linguistics*, v. 8, n. 1, p. 157-176, 2010.
- ANGERMÜLER, J. L’analyse du discours en Europe. In: BONNAFOUS, S. ; TEMMAR, M. (éds.). *Analyse du discours et sciences humaines et sociales*. Paris: Ophrys, 2007. p. 9-22.
- ANTHONY, L. AntConc 3.2.4w (Windows). Tokyo: Faculty of Science and Engineering – Waseda University, 2011. Programa concordanciador. Disponível em: <<http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/>>. Acesso em: maio 2012.
- BEAUGRANDE, R. de. Critical discourse analysis: history, ideology, methodology. *Studies in Language & Capitalism*, n. 1, p. 29-56, 2006. Disponível em: <<http://semiotics.nured.uo.wm.gr/pdfs/Beaugrande.pdf>>. Acesso em: jun. 2012.
- BORGES NETO, J. O empreendimento gerativo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (org.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 93-129.

- CHILTON, P. *Security metaphors: Cold War discourse from Containment to Common House*. New York: Peter Lang, 1996.
- DEL PRIORE, M.; VENANCIO, R. *Uma breve história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2010.
- EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive linguistics*. Edinburgh: Edinburgh Univ. Press, 2006.
- FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.
- FEYERABEND, P. Explanation, reduction and empiricism. In: FEIGL, H.; MAXWELL, G. (ed.). *Scientific explanation, space, and time*. Minneapolis: Univ. of Minneapolis Press, 1962. p. 28-97. (Minnesota studies in the philosophy of science, v. 3).
- FILLMORE, C. Frame Semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-138.
- FILLMORE, C; JOHNSON, C.; PETRUCK, M. Background to FrameNet. *International Journal of Lexicography*, v. 16, n. 3, p. 235-250, 2003.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 14. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- FRANÇOZO, E.; ALBANO, E. Virtudes e vicissitudes do cognitivismo, revisitadas. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (org.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 301-310.
- HART, C. Moving beyond metaphor in the cognitive linguistic approach to CDA: construal operations in immigration discourse. In: _____ (ed.). *Critical discourse studies in context and cognition*. Amsterdam: John Benjamins, 2011. p. 171-192.
- HART, C.; LUKEŠ, D. (ed.). *Cognitive linguistics in critical discourse analysis: application and theory*. Newcastle: Cambridge Scholars, 2007.
- KOCH, I.G.V. A construção sociocognitiva da referência. In: MIRANDA, N.S.; NAME, M.C. (org.). *Lingüística e cognição*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. p. 95-107.
- KUHN, T. *The structure of scientific revolutions*. Chicago: the Chicago Univ. Press, 1962.
- LAKATOS, I. *The methodology of scientific research programmes: philosophical papers*, v.1. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1978.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: the Chicago Univ. Press, 1980.
- LATOUR, B. The Enlightenment without the Critique: a word on Michel Serres's philosophy. In: GRIFFITH, J. (ed.). *Contemporary French Philosophy*. Cambridge: CUP, 1988. p. 83-97.
- MIRANDA, N.S.; SALOMÃO, M.M.M. (org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- MORAES, M. A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 11, n. 2, p. 321-333, maio-ago. 2004.
- PAGANO, A.; MAGALHÃES, C. Análise crítica do discurso e teorias culturais: hibridismo necessário. *DELTA*, São Paulo, v. 21, n. esp., 2005.

PETRUCK, M. Frame Semantics. In: VERSCHUEREN, J.; BLOMMAERT, J.; ÖSTMAN, J; BULCAEN, C. (eds.). *Handbook of pragmatics*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1996. p. 1-8.

RUPPENHOFER, J. *et alii*. *FrameNet II: extended theory and practice*. 14 September 2010 version. Disponível em: <<http://framenet.icsi.berkeley.edu>>. Acesso em: jul. 2012.

SALOMÃO, M. M. M. FrameNet Brasil: um trabalho em progresso. *Calidoscópico*, São Leopoldo: UNISINOS, v. 7, n. 3, p. 171-182, set.-dez. 2009.

SANTOS, B.S. *Um discurso sobre as ciências*. 9. ed. Porto: Afrontamento, 1997.

SERRES, M. *Le parasite*. Paris: Grasset, 1980.

STOCKWELL, P. Towards a critical cognitive linguistics? In: COMBRINK, A.; BIERMAN, I. (eds.). *Politics, linguistics and history: discourses of war and conflict*. Potchefstroom, South Africa: Potchefstroom Univ. Press, 2000. p. 510-528.

VAN DIJK, T. El análisis crítico del discurso. *Revista Anthropos*, Barcelona, n. 186, p. 23-26, set./out. 1999.

WODAK, R.; MEYER, M. Critical discourse analysis: history, agenda, theory and methodology. In: (eds.). *Methods of critical discourse analysis*. 2nd ed. London: Sage, 2009. p. 1-33.

Materiais em análise

BIBLIOTECA da Presidência da República. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes>>. Acesso em: jun. 2012.

PRESIDÊNCIA da República. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/>>. Acesso em: jun. 2012.